

Apresentação

Discurso, atividade e produção de sentidos: perspectivas teóricas e práticas

Maria da Glória di Fantí
Helena Nagamine Brandão

Pode-se dizer que, modernamente, nos estudos da língua houve dois momentos cruciais para o desenvolvimento da ciência linguística tal como configurada a partir do século XX. O primeiro momento diz respeito aos estudos de Saussure, considerado o criador da ciência linguística. Tendo como pano de fundo a presença dos pressupostos teóricos do positivismo que dominava na época, Saussure concebe uma ciência linguística que busca apreender seu objeto de estudo no quadro de uma rede de elementos que o constituíram como um sistema.

No *Curso de linguística geral* (1995), livro decorrente de anotações de aulas ministradas por Saussure, observa-se que a linguagem é apresentada como constituída por dois lados indissociáveis, um social, a língua (*langue*), e outro individual, a fala (*parole*). Tais especificidades da linguagem orientam para seu caráter multiforme e heteróclito, o que desencadeia reflexões sobre o dilema acerca do que seria o objeto da Linguística. Por uma perspectiva, o estudo de apenas um dos lados poderia ocasionar a não percepção das diferenças das dualidades da linguagem. Já, por outra perspectiva, o estudo da linguagem sob vários aspectos traria à tona o que foi chamado de “aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si” (p. 16).

Visando delimitar cientificamente o objeto da Linguística, o mestre genebrino elegeu a língua como objeto de estudo por ser ela socialmente coletiva, comum a todo um grupo de falantes, e categorizável, em oposição à fala que, constituída pelas realizações individuais dos falantes, seria, portanto, fluida, impossível de generalização, de sistematização. Reconhece-se, no entanto, que a eleição da língua (*langue*) como objeto da ciência linguística não exclui o campo da fala (*parole*). Fazendo ciência dentro de um quadro determinado pelos horizontes científico, filosófico e cultural de sua época, sua opção se fez coerente, deixando a fala (*parole*) fora de seu âmbito de observação, mas admitindo sua pertinência em outros estudos, em outro momento, pois língua e fala constituiriam elementos de um *continuum*, como aponta Sobral (em capítulo desta coletânea).

Em *Escritos de linguística geral* (2002, p. 237), obra organizada a partir de manuscritos do próprio Saussure, se comparada à obra escrita pelas anotações dos alunos, observa-se uma concepção de língua ampliada, que remete à relação orgânica com o discurso e pode suscitar reflexões sobre as bases epistemológicas das teorias do discurso atuais: “A língua só é criada em vista do discurso [...]”. Com referência à *Nota sobre o discurso*, que faz parte da obra em pauta, Barbisan e Di Fanti (2010, p. 23) observam o destaque do lugar do indivíduo “na produção do sentido ao atuar sobre a língua”. Ressaltam que, já no pensamento de Saussure, são encontrados “subsídios que sustentam

uma reflexão sobre o modo como a língua, ao ser empregada por um indivíduo, produz sentido [...]”.

Considerando essas observações e a importância dos estudos saussurianos para as pesquisas na área da Linguística, percebe-se que, de fato, como a história corroborou, os estudos da linguagem verbal ultrapassaram os limites do formalismo estrutural, do centramento no puro fato linguístico (*langue*), e ampliaram seus horizontes, trazendo para seu foco as práticas da linguagem em uso (*parole*). No seu percurso histórico, percebe-se ainda que os estudos da língua foram projetando seu olhar para além do fato linguístico em si, deslocando-se para seu entorno. Tal entorno é compreendido não apenas como a situação imediata da produção desse ato (o *aqui e agora* da situação de enunciação), mas também como os pressupostos, os subentendidos, os implícitos, a intencionalidade implicada, as estratégias mobilizadas nos atos de dizer.

Esse cenário aponta para um segundo momento dos estudos da linguagem: aquele que vai nos levar ao âmbito do **discurso**. Como a expressão de um certo “espírito do tempo”, vemos surgir indagações e reflexões de estudiosos que têm em comum uma insatisfação em relação aos estudos da linguagem restritos à abordagem do fato linguístico ou que, na tentativa de fugir a esse paradigma, se atêm a uma análise do conteúdo, exploração do tema veiculado pelo texto (como atesta o capítulo de Rocha e Deusdará nesta coletânea). Os estudos do discurso, nas suas várias vertentes, nascem, assim, de uma insatisfação de certa forma generalizada com o que se fazia para apreender o ato verbal, então restrito à sua especificidade linguística, incapaz de perceber os elementos implicados para além de um *aqui-agora* imediato (Brandão, 1998, 2012).

É o caso das análises de discurso que se delineiam como a apreensão de um objeto que deve se expandir para além do fato meramente linguístico, abrangendo aspectos das suas condições de produção, como os protagonistas do discurso, as imagens e representações construídas, os valores históricos, sociais e culturais implicados nos interstícios da linguagem. Maingueneau (1995, p. 5), na “Présentation”

do número temático da revista *Langages*, acerca das análises do discurso na França, ressaltando a diversidade das análises discursivas a partir da década de 1960, propõe a substituição do singular “análise do discurso” para o plural “análises do discurso”. Da mesma forma, destaca que o discurso se modifica em função dos momentos e dos lugares de enunciação, o que o permite afirmar que “os estudos sobre o discurso são também do discurso”.

Compreendendo o signo linguístico como a materialização do ideológico que reflete e refrata a realidade, a produção da linguagem se faz por signos que são, de modo planejado ou não, selecionados por falantes histórica, social e culturalmente situados (Bakhtin/Volochinov, 2006). A produção da linguagem, interpretada sob essa perspectiva, deixa de ser apenas linguística, no sentido estrito, para tornar-se **discursiva**.

Na abordagem discursiva, o discurso é fruto de uma percepção de linguagem (qualquer que seja ela, verbal, pictórica, gestual...) não só na materialidade específica de seus signos (na linguagem verbal, palavra, na pictórica, cores e formas...), mas também nos valores ideológicos, sócio-históricos que lhe são constitutivos. O discurso abrange, portanto, ao mesmo tempo, o linguístico e o *não linguístico*. Isto é, ambos são igualmente constitutivos do signo linguístico e, portanto, todo texto ou enunciado deve ser abordado sob essa dupla face, cujos elementos estão em íntima interação na produção dos sentidos, provocando efeitos no interlocutor.

Ressalta-se assim, dentre outras características elencadas por Maingueneau (1998, p. 41), o fato de o discurso ser contextualizado, ser assumido por um sujeito e ter como primado o interdiscurso. Sendo o contexto parte constitutiva do discurso, o discurso contribui para defini-lo e pode modificá-lo na enunciação. O discurso também está relacionado a uma instância que o assume como referência pessoal, temporal e espacial e indica a atitude adotada em relação ao que diz e ao interlocutor. Quanto ao interdiscurso, “o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos” a partir do qual ele deve traçar caminho. Para cada interpretação do

menor enunciado que seja, faz-se necessário colocá-lo em relação com outros enunciados.

É segundo essa concepção de discurso que os capítulos desta coletânea trabalham. Embora a matriz teórica que os une seja, fundamentalmente, a mesma, eles apresentam matizes, diferentes colorações de abordagem, resultantes das próprias características definidoras da noção de discurso assumida. Operando com uma noção de discurso que engloba como constitutivo não só o linguístico mas também o “exterior” linguístico e dialogando com as ciências linguísticas de sua época, as análises de discurso incorporam noções advindas de diferentes tendências, como dialogicidade, gêneros do discurso, interdiscursividade, heterogeneidade enunciativa/constitutiva da linguagem, enunciado/enunciação e referência, produção do sentido, rede/coerções semânticas, efeitos de sentido entre interlocutores, sujeito/subjetividade. Dessa forma, longe de se fechar numa homogeneidade teórica, pela própria concepção de linguagem que assume (constitutivamente heterogênea), as análises de discurso, sem romper com sua concepção original, buscam, num concerto de vozes, desenvolverem-se e dialogar com variadas vertentes teóricas.

É nesse sentido que, em diferentes níveis, ideias e aparatos teóricos de autores, como Maingueneau e Bakhtin (e seu Círculo), entre outros, estão presentes nos capítulos, contribuindo para uma visão elucidadora do(s) objeto(s) em análise. Enfim, trabalha-se com uma visão não instrumental da língua, em que a materialidade linguística fosse mero suporte para as diferentes práticas humanas e suas relações sociais. Ao contrário, a língua é vista como **trabalho**, como uma atividade constitutiva do ser humano e do seu fazer/dizer. O ser humano, ao expressar-se pela língua, nas suas relações interpessoais, sociais, faz escolhas lexicais, sintáticas, prosódicas, arma estratégias (afetivas, de persuasão, coerção...) para atuar sobre o outro, compreender o outro e com ele interagir. Essa compreensão da língua como atividade exige do sujeito uma constante adequação/aprendizagem dos usos e função da palavra nas diferentes situações. Tal perspectiva engloba também o fazer linguístico-discursivo conjugado com outras situações

concretas de trabalho, pondo em diálogo as ciências da linguagem com as modernas abordagens sobre o trabalho, como a ergologia e a clínica da atividade, como se pode observar em capítulos que contemplam análises do discurso numa audiência de trabalho e de visitas técnicas de alunos e professor a uma oficina de produção de uma empresa ferroviária.

Sinteticamente, podemos dizer que três eixos mutuamente implicados articulam o conjunto dos capítulos que compõem este livro dando-lhe unidade: as noções de discurso, de atividade e de produção de sentidos. A noção de *discurso*, tal como definida anteriormente, é a perspectiva teórica balizadora de toda a obra. É nesse sentido que podemos verificar, a partir de diferentes tonalidades de abordagem, a preocupação dos autores com a reflexão sobre a dinamicidade da língua em uso, ou seja, a produção de linguagem efetuada por interlocutores em situações concretas. Entendido o discurso na sua dinamicidade, mobiliza-se a noção de *atividade*, compreendida sob dois ângulos: um que trata da atividade de linguagem, ou seja, da atividade do sujeito sobre a língua para produzir discurso, perspectiva que perpassa os capítulos da obra, e outro que trata da atividade de trabalho.

O foco na atividade de trabalho como uma atividade humana complexa, que necessita dos estudos da linguagem para a sua compreensão, é objeto de reflexão em capítulos, que, sob um ponto de vista interdisciplinar, põem em diálogo as ciências da linguagem e as do trabalho. Nouroudine (2002), compartilhando a ideia da complexidade do trabalho, propõe a observação da linguagem a partir de três dimensões: *como* trabalho (a linguagem operante, que faz), *no* trabalho (a linguagem circundante, da situação global) e *sobre* o trabalho (a linguagem da reflexão, que interpreta). Tal perspectiva remete à reflexão sobre o trabalho na ergologia, que, como entende Schwartz (2011, p. 34), sempre comporta uma certa invisibilidade, já que a atividade humana se caracteriza “como um nó de debates [muitos invisíveis] entre normas antecedentes e tentativas de renormalização na relação com o meio”, fazendo emergir valores diversos em cada situação. Também dialoga com a clínica da atividade, para quem o trabalho é

entendido a partir de duas dimensões: como *atividade realizada*, aquela observável, aparente, e como *real da atividade*, aquela não observável (o que gostaria de ter feito, mas não fez; o que fez, mas não gostaria de ter feito; o que deixou de fazer etc.) (Clot e Faïta, 2000; Clot, 2010).

O terceiro eixo, a *produção de sentidos*, está na base da reflexão dos variados capítulos, uma vez que as pesquisas em foco, subsidiadas por teorias discursivas, valorizam a constitutiva heterogeneidade da linguagem, apreendida na concretude do uso, e voltam-se, em última instância, para o estudo do funcionamento do discurso visando compreender como a ação do sujeito que enuncia produz sentidos na e pela linguagem.

De acordo com esses eixos temáticos centrais, a presente obra constitui-se de oito capítulos, apresentados em um *continuum* de reflexões que contemplam desde as perspectivas mais teóricas às mais práticas. No primeiro capítulo, intitulado “Discurso e análise de conteúdo”, Décio Rocha e Bruno Deusdará se propõem a refletir sobre o percurso da análise de conteúdo, suas filiações, proposições e insuficiências como procedimento para a leitura e interpretação de textos. Dessa análise, passa-se a tratar das motivações que contribuíram para o surgimento, nos anos 1960, sob a iniciativa de Pêcheux, de uma nova perspectiva de tratamento dos textos: a análise do discurso. Rejeitando os aspectos behaviorista e informacional das teorias sociológicas e psicossociológicas, Pêcheux introduz, com a noção de discurso, uma nova perspectiva de abordagem da linguagem ao estabelecer a relação de uma dada prática política e as relações sociais, isto é, a relação linguagem e ideologia. Os autores concluem defendendo que, ainda hoje, há diferentes formas de se considerar a articulação entre texto e seu entorno e que a noção de interdiscurso tem auxiliado a redefinir a discussão sobre as condições de produção. O ponto de encontro do linguístico e do sócio-histórico constitui-se como um modo de superar dualismos cartesianos de modo a promover a observação das implicações do sujeito.

O capítulo “Elementos sobre o dispositivo enunciativo de Main- gueneau: a partir e para além de *Genèses du discours*”, de Adail Sobral,

tem como objetivo descrever “o dispositivo enunciativo” proposto pelo analista do discurso no que se refere às reflexões sobre as sete hipóteses de *Genèses du discours*, em especial o conceito fundador de “primazia do interdiscurso”. No desenvolvimento da explanação, Sobral tece considerações sobre alguns conceitos-chave desenvolvidos por Maingueneau, como *ethos*, cenografia e interincompreensão, visando melhor definir como sua hipótese principal repercute na proposta teórica e aplicada da análise do discurso.

Em “Discurso, dialogismo e atividade de trabalho: a constitutiva e tensa relação com o outro”, Maria da Glória di Fanti, sob o enfoque dos estudos de Bakhtin e seu Círculo em interlocução com abordagens que têm analisado a atividade humana de trabalho, propõe-se a observar como a constitutiva e tensa relação estabelecida com o outro interage com gêneros do discurso/da atividade e revela singularidades de produção de sentidos no desenvolvimento de uma prática laboral. A autora analisa uma audiência de trabalho em que mostra como a relação com o outro, que instaura efeitos monológicos e dialógicos, é marcada pela tensão e dinamicidade nos processos interlocutivos.

O capítulo “Discurso e atividade reguladora”, de Anselmo Pereira de Lima, trata do discurso na perspectiva bakhtiniana, concebendo-o como o uso que o homem faz da língua na forma de enunciados em situações reais de comunicação verbal. O discurso pode ser apreendido pelas formas relativamente estáveis que apresenta conforme a situação comunicativa em que os falantes se encontram envolvidos, isto é, conforme os gêneros do discurso. O autor defende que, nas diferentes formas de interação verbal, os falantes, por um processo de atividade reguladora, elaboram e reelaboram o gênero adequando-o à situação de comunicação, o que oscila entre a estabilidade genérica e a instabilidade. Desenvolve sua reflexão, mostrando como se dá esse processo por meio de análise de visitas técnicas de alunos e professor de um centro de formação profissional a uma oficina de produção de uma empresa ferroviária.

Helena Nagamine Brandão, em “Atividade enunciativa na produção de linguagem: estereotipia e acontecimento discursivo”, reflete

sobre a concepção de linguagem que implica uma compreensão da atividade linguageira como trabalho produtivo, atividade laboriosa que exige do enunciador a mobilização de um conjunto complexo de elementos no nível linguístico e discursivo. A autora tece considerações sobre o processo de produção da escrita em contexto escolar, em que, de um lado, o enunciador, mais assujeitado ao padrão canônico-institucional, reproduz o sistema e, de outro, busca um posicionamento mais singular. Focaliza-se, dessa forma, o movimento do sujeito no seu trabalho com a linguagem, seu embate entre um estilo coletivo, constituído pelo gênero do discurso evocado, e um estilo individual, singularizador de suas ações enunciativas. São analisadas produções escritas de vestibulandos tendo em vista dois níveis de preocupação: a representação que o locutor constrói do tema e a que faz do trabalho da escrita pela forma como compõe o texto e seleciona os recursos linguísticos de que dispõe.

Maria Cecília Souza-e-Silva, em “Você sabe vender seu peixe? A construção do *ethos* da revista *Vida Executiva*”, analisa as relações de trabalho e a construção do *ethos* do(a) trabalhador(a) em textos da revista *Vida Executiva*, publicação mensal, impressa e *on-line* mais direcionada a mulheres que buscam sucesso com equilíbrio. A problemática do *ethos* é trabalhada no quadro teórico da análise do discurso, de acordo com Maingueneau, para quem o conceito “permite refletir sobre o processo de adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva”. Pensando o *ethos* como um comportamento fortemente vinculado ao social e apreensível somente levando-se em conta a conjuntura sócio-histórica, a autora tece um breve quadro do mundo do trabalho, conforme o desenvolvimento dos modelos econômicos dos tempos modernos, e mostra, pelas análises discursivas que empreende, como publicação do tipo *Vida Executiva* visa “produzir executivo(a)s cuja condição de inclusão social é a permanente disponibilidade para o trabalho”.

Em “Discurso e persuasão: trabalhadores como personagens de matérias jornalísticas sobre crise econômica”, Antônio Augusto Moreira de Faria e Maria Juliana Horta Soares analisam textos jornalísticos sobre trabalhadores visando desmistificar a suposta objetividade das

notícias. Para isso discutem as estratégias de persuasão, comparando notícias referentes a um mesmo assunto. Partindo do pressuposto de que a informação midiática é um trabalho de construção de sentidos que se faz, contraditoriamente, entre um “fazer saber” e um “fazer sentir”, mostram como se dá o processo de seleção de personagens visando a quem dar voz e a quem fazer silenciar. Nas notícias analisadas, percebe-se que a classe trabalhadora não é citada explicitamente, mas sua presença emerge nos interstícios do discurso através de marcas indiciadoras no trabalho com o léxico.

No capítulo “Estratégias discursivas para construção do sentido: o caso Monica Lewinsky e a fila no supermercado”, Tatiana Piccardi problematiza o enunciado “Quero ser apenas uma nota de rodapé na história dos Estados Unidos”, assinada por Monica Lewinsky e veiculada por um monitor de TV em uma conhecida rede de supermercados de São Paulo. A autora discute as estratégias discursivas que são constitutivas dos sentidos do texto, enfatizando a importância de o leitor apreendê-las. Destaca, nesse contexto, a questão dos gêneros do discurso, do mídiun eletrônico e seus recursos verbais e não verbais, do discurso relatado, em suas formas marcada e não marcada, como a intertextualidade e a interdiscursividade, e o uso polifônico do operador argumentativo “apenas”.

Agradecemos aos pesquisadores efetivos e colaboradores do GT Linguagem, Enunciação e Trabalho da ANPOLL e aos pesquisadores que mantêm laços de pesquisa com os integrantes do GT que se dispuseram a contribuir com esta publicação. O GT, criado em 2006, surgiu da necessidade de reunir, no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, pesquisadores cujo campo de investigação está voltado para uma das seguintes linhas de pesquisa: (i) Estudo das práticas de linguagem em situação de trabalho, (ii) Estudo dos discursos nos quais o tema trabalho é relevante e (iii) Estudo das práticas discursivas que possam ser transpostas para análises de variadas esferas de atividade (laboral, midiática, cultural, acadêmica etc.). Os capítulos que compõem esta obra, contemplando essas diferentes linhas, em especial a articulação

dos três eixos — discurso, atividade e produção de sentidos —, são representativos do que se tem feito em termos teóricos e metodológicos no âmbito das pesquisas que abordam a interação linguagem e trabalho a partir de enfoques enunciativo-discursivos.¹

As reflexões postuladas pelos autores deste livro não só iluminam facetas da complexidade da tessitura do discurso e da atividade (de linguagem e de trabalho) na produção de sentidos, mas também proporcionam abertura para o debate acerca de estudos da análise do discurso, da teoria dialógica bakhtiniana, da clínica da atividade e da ergologia, dentre outros. Focalizando o discurso, seja no âmbito de um dado campo de conhecimento, seja sob um viés interdisciplinar, a obra *Discurso: tessituras de linguagem e trabalho*, além de buscar responder a indagações, traz questionamentos e suscita respostas sobre o alcance das variadas abordagens teóricas mobilizadas para a análise de fatos sociais, como é o caso das atividades de trabalho. Na cadeia de comunicação discursiva, em que *eu* e *tu* constituem-se mutuamente como sujeitos da interação na construção do *ele*, no caso a obra, cabe-nos passar a palavra ao leitor, um dos importantes *outros* que, na inconclusividade do enunciado, dá (in)acabamento ao inesgotável dizer.

Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, [1929]2006.

BARBISAN, L.; DI FANTI, M. G. C. Estudos da enunciação: bases epistemológicas e perspectivas atuais. *Cadernos de Pesquisas em Linguística* — Estudos da Enunciação. Porto Alegre, Edipucrs, v. 5, n. 1, p. 5-25, 2010.

1. Em 2014, foi publicado um número da revista *Letras de Hoje*, organizada por Di Fanti, Souza-e-Silva e Schwartz, cuja temática é “Linguagem e trabalho: diálogos entre estudos discursivos e ergológicos”, em que consta parte dos resultados das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do GT Linguagem, Enunciação e Trabalho.

BRANDÃO, H. N. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

_____. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CLOT, Y. O diálogo em desenvolvimento: M. Bakhtin no trabalho. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (orgs.). *Círculo de Bakhtin: diálogos impossíveis*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. Genres et styles en analyse du travail: concepts et méthodes. *Travailler*. Revigny-sur-Ornain, n. 4, 2000.

DI FANTI, M. G. C.; SOUZA-E-SILVA, M. C.; SCHWARTZ, Y. (orgs.). *Letras de Hoje — linguagem e trabalho: diálogos entre estudos discursivos e ergológicos*. Porto Alegre, Edipucrs, v. 49, 2014.

MAINGUENEAU, D. Présentation. *Langages — les analyses du discours en France*. Paris: Larousse, n. 117, 1995.

_____. *Analyser les texts de communication*. Paris: Dunod, 1998.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. Trad. Inês Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 20. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *Escritos de linguística geral*. Organizadores e editores Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, v. 9, supl. 1, 2011.